ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 17 DE FEVEREIRO DE 1901 N.º 871 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 80

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A questão clerical

Madame Ebsen, como professora, tinha conhecimento com pessoas poderosas e ricas. A essas se dirigiu, no piedoso intuito de obter d'ellas protecção e auxilio para arrancar sua filha das garras da Autheman.

Mas ao nome de Autheman todas se apressavam a retrahir-se e abster-se. Ninguem queria estar de mal com o poderoso banqueiro!

Entretanto, madame Ebsen correspondia-se com a filha. Esta escrevia-lhe. Madame Ebsen respondia-lhe, sem saber, comtudo, onde ella parava. As cartas eram transmittidas por intermedio de Port-Sauveur.

Que differença, n'essa correspondencia!

As palavras da mãe eram cheias d'amor e de ternura. As da filha seccas, como as de todos os fanaticos. A mãe escrevia: «Minha querida filha, onde estás tu? o que fazes tu? Eu penso sempre em ti e choro... Hontem foi dia de finados. Lá estive na sepultura de tua avó, onde fiz esse ramo de flores que te envio...»

A filha respondia: «Agradeço-te a lembrança; mas é mais agradavel possuir um Salvador vivo para a eternidade do que essas miseraveis flores. E' ao pé de Deus que desejo ardentemente que aches o perdão, a paz e a consolação que elle tão gratuitamente te quer conceder...»

E, apezar de tudo, eram estas cartas, afflictivas e geladas, o que a pobre mãe encontrava de melhor. Só enxugava as lagrimas para as lêr, que, fóra d'isso, chorava sempre. Só á espera d'ellas, só na esperança do enveloppe que rasgava, tremendo, encontrava coragem para viver, para resistir ás tentações, que lhe vinham, de se atirar, em qualquer parte, á infame Autheman. Continha-se e passava o tempo correndo Paris, para se distrahir. Mas n'essas correrias ia sempre parar, instinctivamente, irresistivelmente, á porta do palacio Autheman. Alli estacionava horas, olhando as janellas, vendo quem entrava e sahia, na louca esperança de poder um dia vêr Éline!

Um dia escreveu á filha:

«Ao menos se eu pudesse trabalhar, dar lições para me distrahir! Mas o soffrimento tem-me enfraquecido; tenho os olhos queimados de chorar; estou surda desde a minha ultima doença. O dinheiro esgota-se tambem; mais alguns mezes e não terei um real; o que ha de ser então de mim? Oh minha querida filha, é de joelhos que te supplico e que te espero! Já não é a mãe que se te dirige; é uma velha mulher bem desgraçada...»

A resposta foi um bilhete postal, que todos podiam vêr, com o carimbo de Jersey, onde se lia:

«Fiquei muito penalisada, querida mãe, com as noticias que me dás da tua saude; mas consolo-me pensando que essas provas te approximam de Deus cada vez mais. Quanto a mim, é da tua salvação eterna e da minha que me occupo. E' preciso que eu viva longe do mundo e que me livre do mal.»

Crueldade das crueldades!

O que as miseraveis tinham feito de sua filha!

E' preciso que me livre do mal. A sua mãe era o mal!

«Vamos, exclamou Madame Ebsen, não lhe escreverei mais... Está perdida para mim...»

E escreveu com a sua grande lettra no bilhete postal: ULTIMA CARTA DA MINHA FILHA.

Entre as pessoas a quem Ebsen se tinha dirigido pedindo auxilio, figurava Aussandon, um velho, decano dos pastores protestantes. Este homem, que era um grande orador e um homem de bem, abominava o fanatismo e o beaterio. Tinha, por isso, horror á Autheman, cujas proezas conhecia. Considerava-a uma serpente venenosa.

Mas Aussandon era dominado pela mulher. E a mulher, receosa do poder dos Authemans, não queria que o marido se envolvesse na questão da Ebsen.

Aussandon ao principio cedeu á mulher. Mas a consciencia accusava-o e resolveu-se por fim a intervir.

Com a sua auctoridade de pastor protestante e da sua reputação de homem sábio e digno, procurou a Autheman, para a dissuadir das suas manobras, principalmente no que dizia respeito a Éline. Nada conseguiu. Autheman recebeu-o com o seu fanatismo intransigente. Então Aussandon resolveu tratar a questão publicamente e annunciou um discurso no templo protestante.

Aussendon era, como dissémos já, um grande orador. E como não discursava ha muitos annos, pela sua avançada edade, o annuncio da sua oração foi um acontecimento. E tudo quanto havia de mais illustre, notavel e rico em Paris, entre os protestantes, accudiu ao templo para o ouvir.

Ebsen, prevenida por Aussandon, tambem lá foi.

Um dos collegas de Aussandon, sabendo o assumpto que este ia tratar, ainda lhe disse na egreja: «Vêde lá! Tomae cuidado!» Os Authemans eram uma potencia tamanha!...

Aussandon abanou a cabeça sem responder. Não. Estava decidido. A miseravel nem sequer lhe tinha querido dizer onde estava Éline. Se ao menos lhe tivesse dito onde estava Éline, elle a iria procurar, para entregar essa alma perdida ás caricias de sua mãe. Mas Autheman respondeu-lhe sempre: «Não sei, não sei onde está... Deus tomou-a á sua guarda...» E quando elle a ameaçava de a denunciar publicamente, do alto do pulpito, atreveu-se a responder-lhe: «Fazei o que quizerdes, senhor decano. Se prégardes, eu propria vos irei ouvir.»

Era arrojo. Era provocação inaudita.

«Pois bem, desavergonhada, tu me ouvirás.» Assim disse de si para si Aussandon. E com essa idéa, tremendo ainda de cólera, subiu os degraus do pulpito.

Mas a Autheman lá estava, defronte d'elle, orgulhosa e altiva. Que audaciosa e vil creatura!

O discurso de Aussandon foi eloquentissimo. Partiu a fundo contra o fanatismo, fulminou as associações religiosas que só servem para levar a desgraça ao seio das familias, pintou ao vivo as dôres das pobres mães a quem roubam as filhas, arrancando lagrimas sinceras a todo o auditorio.

No fim, ministrou o sacramento, repetindo duas vezes lentamente, solemnemente, as palavras rituaes: «Se ha entre vós quem não se arrependesse, quem não esteja prompto a reparar o mal que fez ao seu proximo, que não se avizinhe d'esta mesa para não a profanar.»

Esperou um instante. Depois accrescentou com voz grave:

«Approximae-vos agora, meus irmãos, da mesa do Salvador.»

Audacia extrema! Madame Autheman tambem se avizinha! O pastor estremece. Quando ella estende a mão para receber o pão sagrado, sem olhar para ella pergunta-lhe:

«Onde está Lina?»

Não obtem resposta.

Torna a perguntar:

«Onde está Lina?»

«Não sei... Deus tomou-a á sua guarda...»

Então, brutalmente, diz-lhe:

«Retirae-vos... Sois indigna... Nada ha para vós á mesa do Senhor...»

Todo o mundo ouve isto e todo o mundo fica attonito. Joanna Autheman ergue-se e retira-se altiva deante do ultrage.

Minutos depois, Aussandon vê-se sósinho na sachristia. Elle, sempre tão cumprimentado pelos seus discursos! Agora só. Todo o mundo fugiu, com medo do poder dos Authemans.

A abjecta covardia humana!

Dias depois, Lorie entrou precipitadamente em casa de madame Ebsen.

— O que ha?

— Madame Ebsen, esconda-se, parta immediatamente d'aqui. Vão prendel-a.

— A mim?... A mim?... Porque?

Lorie abaixou a voz, como espantado elle proprio das palavras terriveis que ia pronunciar:

— Louca. Déram-n'a por louca. Vão mettel-a n'um hospital de doidos.

— Metter-me n'um hospital de doidos! Mas eu não estou doida.

— Ha um attestado de Falconnet... Vi-o eu.

— Um attestado?... Falconnet?...

— Sim, o medico alienista. Já jantastes com elle uma vez.

— Eu? Já jantei com elle?...»

Deteve-se a pensar; depois soltou um grito. «Ah! meu Deus...»

Agora lembrava-se. Fôra em casa de Birk, o capellão de Port-Sauveur, homem que a recebia sempre com doçura, ouvindo attentamente as suas queixas e consolando-a. Agora percebia o motivo d'essa doçura e attenção. O miseravel preparava-lhe um laço. De proposito a fez jantar em sua casa. De proposito a fez falar nas suas mágoas. De proposito levou lá o medico alienista, comprado para a dar por louca.

Oh! os miseraveis, que lhe queriam fazer a ella o mesmo que tinham feito ao marido da pobre Damour!

E, horrorisada, agarrou-se anciosa a Lorie, pedindo-lhe que a não abandonasse.

Lorie acompanhou-a a um ponto que reputou seguro. Mas no dia seguinte foi chamado pelo director do ministerio onde era empregado e advertido de que seria demittido se continuasse a envolver-se em questões contrarias aos poderosos Autheman. O marido de Sylvanire foi demittido do pequeno emprego que tinha no canal de Sena. O pastor Aussandon foi tambem demittido do cargo official que exercia. Joanna Autheman, rancorosa e intolerante como todos os fanaticos, tirava o seu desforço impondo a influencia do seu dinheiro.

Para tudo ser cruel n'esta mulher, o desespero levado á alma do marido abandonado por ella, chegou até ao suicidio. Virgem feroz, virgem abominavel, nunca consentiu o menor contacto entre ella e o marido. O pobre banqueiro via n'essa teimosia de sua mulher, não o espirito evangelico da castidade, mas horror á doença atroz que o desfigurava. Tinha dentro de casa uma mulher com o seu nome, ligada a elle pelo contracto do casamento, e era como se fosse solteiro.

Autheman não se conformava com essa repugnancia que inspirava a sua mulher, como já vimos. Já uma vez tentara, como tambem vimos, chegar a explicações a tal respeito com Joanna. Esta fugiu á questão e Autheman, incapaz de empregar violencias e de se impôr energicamente, continuou na sua vida de desespero.

Mas voltou ao assumpto. Estava Watson, a fanatica ingleza, chorando pelos filhos. O remorso torturava-a. Os filhos acordavam-lhe todos os dias a consciencia n'um grito de maldição. Joanna irritava-se com a Watson dizendo-lhe em alta voz: «A alma que se quer unir a Deus deve esquecer todas as coisas creadas, todos os seres mortaes...» quando deparou com o marido, que a esperava.

— Bons dias, disse ella retomando o seu ar de hypocrisia serena, mas em attitude de o largar logo para continuar conversando com a Watson.

Autheman teve um impeto de energia e exclamou em tom imperioso:

— Quero falar-lhe, Joanna.

Pelo faiscar dos olhos, pela attitude nervosa do marido, comprehendeu ella que chegara emfim o momento das explicações finaes.

— Vae, minha filha, disse ella á Watson.

E esperou, com aquella expressão cançada de quem não ama, sabendo que lhe vão falar d'amor.

Assentados ao lado um do outro, Autheman murmura:

— Porque retira a mão, Joanna?

Depois, com palavras rapidas e ardentes, conta-lhe a sua vida d'angustias, de desespero, de esperança ao mesmo tempo.

— Recordas-te, Joanna? Quando minha mãe te foi pedir, esperei aqui, n'este banco, toda a tarde. Oh! mas sem impaciencias. Calmo. De mim para mim dizia: Se ella não quizer, morrerei... Eu bem sabia como; todas as minhas disposições estavam tomadas... Pois bem; olha para mim. Sabes que não faço phrases. Eis-me deante de ti como ha onze annos, muito firme na minha vontade de morrer se me recusares a tua ternura. O logar e a hora da minha morte estão decididos. Pronuncia a minha sentença.

Ella conhecia-o e sabia bem como elle lhe falava a sério. Docemente, chama-o ao sentimento christão, á fé calma, á lei de Deus que nos prohibe attentar contra os nossos dias.

— Deus! exclama elle. Mas o meu Deus és tu!

E expande-se em phrases da maior ternura e do mais fundo amor.

Joanna levanta-se, indignada por se blasphemar assim deante d'ella. Uma vermelhidão lhe cobre o rosto, o fogo d'essa cólera santa que a Escriptura permitte: *Irae-vos, mas não pequeis.*

— Nem mais uma palavra, disse ella. Julgava que me tinheis comprehendido... Deus e a minha obra!... Nada mais existe para mim.

O obstaculo é Deus ou é a minha fealdade? pensava Autheman. Fosse como fosse, a resposta de Joanna era um *não* implacavel.

—Eu já esperava, disse elle, levantando-se, no tom frio e pausado dos negocios, que a minha tentativa fosse inutil. Mas não queria um mal entendido entre nós.

Deu dois passos para se retirar, mas parou ainda:

— Então, nunca?...

— Nunca.

E foi-se.

Que vá, murmurou Joanna. Deus castiga o espirito de revolta. E ficou imperturbavel e serena, embora soubesse que d'ahi a pouco estaria viuva.

O expresso passa, como um raio. O corpo de Autheman foi encontrado em farrapos, despedaçado por elle.

Éline appareceu um dia.

— Minha filha... minha querida filha.

A desgraçada mãe succumbiu de alegria.

Agarrada á filha pelos braços, chorava docemente, beijava-lhe os cabellos, emquanto a filha, branca e fria como uma estatua, se deixava abraçar e beijar.

— Minha filhinha adorada! Como te mudaram!

E de novo se lhe agarrava ao pescoço, com a aspiração arquejante do afogado que bebe o ar e a vida.

— Não te vás outra vez embora, não? Dize. Isso seria horrivel.

E contava-lhe as suas afflicções, as suas correrias em cata d'ella, as tentativas feitas para a metterem n'um hospital de doidos.

— Cala-te, cala-te, dizia Èline. Deus permittiu que eu voltasse. Agradeçamos-lh'o sem nos queixar.

—Sim, tens razão,

Assim se passaram uns dias. Lina soltava de quando em quando phrases como esta: «Soffrâmos em Christo, minha mãe e reinaremos com elle.»

— Oh! minha Lina, como te mudaram!

Lorie escreveu a madame Ebsen felicitando-a pela vinda da filha. Madame Ebsen respondeu: «E' a minha filha e não é a minha filha. Doce e submissa, prompta para tudo o que se quer, mas fria, automatica, como se houvesse n'ella alguma coisa despedaçada. Algumas vezes agarro-a, abraço-a, chego-a a mim para a aquecer. Grito-lhe: «Não te tenho senão a ti, minha querida filha. O que é a vida, sem amor?»

Ella não responde, ou diz-me que só nos devemos amar em Deus e que a unica coisa importante é a salvação das nossas almas. Não se occupa em outra coisa. Passa o tempo a rezar e em leituras religiosas.

Nos primeiros dias foi vêr todas as nossas amigas, mostrou-se por toda a parte; mas agora não sahe nem fala em retomar as suas lições. Não sei o que ella tenciona fazer. O que ella quizer, meu Deus!... Quando recebi a vossa carta, fui buscar Fanny, a vossa filha. Esperava abrir-lhe o coração com a presença da creança. Pobre de mim! Recebeu a como uma estranha. Deu-lhe um beijo de gelo e não fez senão falar-lhe de Deus, da necessidade do Evangelho. A creancinha encostava se a mim, tremendo de medo. E, comtudo, não perco a esperança de curar a minha filha d'essa terrivel doença de não amar ninguem; é negocio de tempo e de ternura.

Uma noite d'estas, chorava eu baixinho na cama, porque, emfim, corta a alma perder uma filha em vida d'ella, quando ouvi um suspiro ao meu lado. Levantei-me e corri para Lina, deitada sem luz e não dormindo. «Que tens tu, minha querida?—Não tenho nada, absolutamente nada.» Abraçando-a, senti lhe as faces todas molhadas de lagrimas frias.

Ah! meu amigo! Que amargura, que dôr, que tristeza, esta mãe e esta filha chorando, sem dizerem nada uma á outra e com a noite de permeio! Mas ella chorou. E' talvez o coração que volta. Se voltar para mim, voltará tambem para vós e vossos filhos...»

Um dia a mãe encontrou-a preparada para sahir, com um sacco de viagem ao pé.

— O que é isso, Lina?

— Deus chama-me, minha mãe... vou ter com elle!

Oh! D'essa vez a mãe não teve nem um grito, nem uma lagrima. Comprehendeu, de repente, a comedia infame que se desempenhava. O discurso do velho Aussandon fizera sensação. Para a destruir, mandaram a rapariga, tão fanatisada que já não corria perigo de voltar atraz, passar algum tempo com a mãe e mostrar-se com ella por toda a parte. Assim, ficava provado que a rapariga era livre, que não estava sequestrada, que não andava forçada. Feita a prova, toca a fazel-a voltar outra vez, morresse ou não morresse a mãe de sensação.

Era demais. Era um cumulo.

— Pois bem, vae. Já não tenho filha. E disse isto surdamente, com uma voz terrivel.

E as duas mulheres ficaram em pé, junto uma da outra, sem uma palavra, sem um olhar, esperando a carruagem que se tinha ido buscar.

Esse minuto de espera foi como o minuto da morte.

— Adeus, minha mãe. Eu te escreverei.

A mãe disse apenas: «Adeus...»

Machinalmente, chegaram a cara uma á outra e trocaram um beijo rapido e frio como a pedra d'um templo. Mas n'este contacto curto, a carne commoveu-se, falou e do fundo d'Éline, no que restava ainda da creança, ergue-se um soluço.

— Então fica... e estendia-lhe os braços abertos.

— Não, não, disse Éline em voz estrangulada. Não, não, pela tua salvação e pela minha. Salvo-te, matando-nos.

Madame Ebsen ficou immovel. E sem que a filha olhasse para traz, sem que a mãe erguesse a cortina da janella para lhe dizer um ultimo adeus, a carruagem partiu e as duas separaram-se para sempre.

Nunca mais se viram.

Nunca mais!

FALLECIMENTOS

Falleceu em Vizeu uma filhinha do sr. capitão Lebre, de infanteria 14.

Era uma encantadora creança, que fazia o enlevo de quantos a conheciam.

A sua morte causou uma profunda dôr em toda a sua familia.

*

Falleceu em Lisboa, sendo o seu cadaver transportado para Vizeu, o sr. Miguel de Figueiredo, que foi muitos annos chefe d'estado maior na 2.ª divisão militar. O sr. Miguel de Figueiredo tinha sido promovido ha poucos mezes a general de brigada.

Era um homem culto, espirito fino e delicado, democrata convicto, sendo geralmente conhecido, mesmo nas regiões officiaes, como republicano.

Foi uma das mais illustres figuras de Vizeu, que acaba de soffrer successivas perdas com a morte de Thomaz Ribeiro, do general Coelho Campos, commandante da 1.ª divisão militar e do general Miguel de Figueiredo.

Se Miguel de Figueiredo era republicano sincero, os outros dois foram ambos liberaes, partidarios dos progressos e civilisação do seu paiz. Ainda foram do tempo em que Vizeu, sob a influencia do bispo D. Antonio e de Francisco Mendes, foi um dos mais ardentes fócos de liberalismo que houve em Portugal.

Sentimos muito a morte de Miguel de Figueiredo, cujo espirito culto, caracter honesto e amor á democracia tivemos occasião de apreciar.

MELHORAMENTO LOCAL

Fala-se agora com grande insistencia na abertura da avenida ha annos já projectada, e que porá em communicação directa a rua do Caes com as Pombas, na Estrada d'Ilhavo. Diz-se até que pelo ministerio das obras publicas já foram dadas ordens terminantes á repartição do districto, devendo, porisso, começar muito brevemente os trabalhos de expropriação.

Estas informações devem encher de júbilo todos os aveirenses, pois são uma prova de que os poderes centraes se decidiram finalmente a olhar-nos com olhos beneficentes.

De facto, ha já um bom par de annos que as nossas cousas estavam lançadas ao mais completo ostracismo; Aveiro permanecia n'um estacionamento vergonhoso, emquanto outras terras do paiz, menos favorecidas pelas condições naturaes, iam progredindo consideravelmente, sob todos os pontos de vista, á sombra protectora do Olympo governamental.

Pódem apontar-nos, os que se contentam com réles caganifancias.—pódem apontar-nos, como melhoramento de grande valia, a magica substituição das antigas luminarias petroleiras pela somnolenta illuminação a gaz que ahi temos, que nós ficaremos sempre duvidando se a actual illuminação da cidade valerá mais do que a do fumarento petroleo. Quando se fez ahi a experiencia do gaz, não faltaram exclamações de enthusiasmo perante a luz mortiça e amarellenta com que a companhia nos mimoseou, ao abrigo nefasto d'um contracto que lhe poz nas mãos poderes descricionarios, e nos deixa ás catacégas.

Se não são exactas as nossas palavras, a illuminação ahi está bem patente para quem souber e puder lêr no meio da escuridão intensa em que os candieiros deixam immersas as ruas mais concorridas.

Ainda hontem de noute—garantimos a authenticidade do facto—vimos um pobre alma de Deus, de phosphoro accêso e nariz no ar, voltado para o candieiro d'uma esquina, esforçando-se por lêr assim o numero do mortiço lampadario.

Dir-nos-hão que o homem era idiota. Nós, porém, responderemos com o tom grave que nos caracterisa, quando falâmos de coisas sérias: Brilhante e bem brilhante deveria ser o sol á hora d'aquelle celebre meio-dia em que a Historia nos diz que Diógenes saíu para a rua, de lanterna accêsa, em busca d'um homem, e no entanto o philosopho tinha mais juizo do que quantos se riram do seu feito.

Assim o nosso homem.

E nós, francamente, temos saudades dos velhos candieiros de petroleo, não porque o progresso nos repugne, porque n'esse caso fariamos a apologia das vélas de cêbo, ou das lamparinas d'azeite, mas porque preferimos ás falsas situações as situações definidas. Luz réles por luz réles, antes a fraca luz de petroleo. Ao menos, não passavamos pelo ridiculo de termos uma cidade ás escuras... com illuminação a gaz.

Emquanto outras cidades de somenos importancia estão hoje illuminandas a electricidade, nós estamos ás escuras. Assim saímos do seculo das luzes.

E tudo isto vem a proposito da abertura da grande avenida.

Por uma relação natural das cousas e dos phenomenos, fômos levados a estas considerações. Outras fariamos se o espaço nos não faltasse; mas, como o dictado diz que o que se não faz em dia de Santa Maria, se faz ao outro dia, esperem que não hão de perder com a demora.

Entretanto, vamo-nos preparando para assistir á abertura da grande avenida.

Grã via lhe chamam alguns espiritos incredulos, espiritos chilros com fumaças de mordazes e ares duvidosos de dilettantismo barato; mas *grã via* ou grande avenida, o que parece indubitavel é que a sua abertura não se fará esperar.

E isto é, para nós, o essencial.

Bailes de mescaras

Hoje, bailes extraordinarios nos salões do theatro e no da rua do Alfena.

Os emprezarios, compenetrando-se de que a vida são dois dias, excluindo o de hoje que não vae na conta, resolveram finalizar o carnaval de 1901 com três deslumbrantes *soirées masquées*, que ficarão por muitos annos na memoria dos que n'ellas tomarem parte.

Os salões serão ornamentados a capricho, os philarmonicos executarão com inegualavel enthusiasmo e maestria um novo e finissimo reportorio e o restaurante, replecto de variadas eguarias, rescenderá por fórma tal que o guloso mais forreta puxará resolutamente pelos cordões á bolsa, e saciar-se-ha de bellos petiscos e de espirituosos vinhos, crente de que não mais terá occasião de gosar tão ineffavel e gastronomico prazer, emquanto a musica ataca com enthusiasmo desusado as primeiras notas d'uma walsa de Waldeteuffel.

Aos bailes, rapaziada!

Cartas d'Algures

15 DE FEVEREIRO.

O sr. conde de Bretiandos e o sr. visconde de Chancelleiros levantaram na camara dos pares a questão jesuitica, affirmando-se em sentido favorarel aos manejos reaccionarios.

Um caso d'esses é sempre importante, mas agora é-o mais do que nunca por coincidir com a attitude da França e da Hespanha na questão. Quando a França official e a França popular se prepara para pôr um termo á absorpção clerical que a deshonra, quando em Hespanha ha manifestações graves contra a cambada jesuitica, em Portugal, onde essa cambada vem gosando ha muito uma protecção escandalosissima, levantam-se na camara dois sujeitos pronunciando-se a favor d'um dos mais graves attentados dos ultimos tempos e esta attitude passa sem protesto de ninguem.

O caso Calmon é, no fim de contas, precisamente o caso da viuva Ubáo em Hespanha. Haverá alguma differença de fórma. O fundo é precisamente o mesmo. Pois em Hespanha o caso Ubáo dá quasi uma revolução. Em Portugal o caso Calmon dá logar a que dois próceres affirmem as suas opiniões reaccionarias, sem que no parlamento se levante uma voz em contrario, sem que na imprensa haja um protesto energico, sem que entre as multidões se prepare uma manifestação eloquente.

E dizem que a Hespanha é muito mais reaccionaria do que Portugal. Eu tambem assim o suppunha. Mas, francamente, agora não o parece.

Em Hespanha, porque uma filha maior — porque, note-se, é maior—foi induzida a abandonar os seus paes, as multidões revoltam-se, a imprensa abre uma campanha contra a infamia e annunciam-se já no parlamento ataques violentos. Em Portugal é da mesma fórma uma filha maior levada até ao grau allucinado de repudiar os seus pães e a sua familia, e, nem só fica tudo de braços cruzados, como dois reaccionarios teem a audacia de applaudir o facto em plena camara fidalga (sic) sem que ninguem os incommode e nem sequer lhes vá á mão.

Repetimos: é gravissimo. Gravissimo sob todos os aspectos pelos quaes se queira encarar a questão.

E são paes aquelles homens! Ou é um d'elles, pelo menos. E ha um pae que applaude um attentado como o da filha de Calmon! E tiveram o arrojo de affirmar, os dois, que a filha Calmon estava no pleno uso das suas faculdades mentaes!

A ignorancia é muito atrevida. Sabe-se isto desde que o mundo é mundo. O sr. conde de Bretiandos a affirmar, contra o sr. Julio de Mattos, contra o sr. Magalhães Lemos, contra o sr. Bombarda, contra os mais notaveis alienistas estrangeiros que a filha Calmon está no uso pleno das suas faculdades intellectuaes, póde ser atrevimento de ignorante. Mas não poderá ser tambem *pancada na mola?*

Eu não comprehendo que um pae applauda ou defenda um attentado d'aquelles senão estando doido como a propria doida que o pratica. A doida estará dentro da lei. A lei permittir-lhe-ha que possa commetter o attentado.

Embora. Nenhum pae com juizo reclama a applicação d'essa lei, sendo certo que da falta d'essa applicação não resulta nenhum attentado á vida, á segurança, á liberdade, ao bem estar do infeliz ou da infeliz que a invoca.

Por uma chicana, por uma estupidez ou por uma asneira, poderão os tribunaes não confirmar a loucura do fanatico. Nem por isso essa loucura deixa de existir, nem por isso o pae deixa de ter a sympathia geral procurando salvar o desgraçado filho ou a desgraçada filha victima d'ella; nem por isso o attentado que este ou esta premedita deixa de ser um attentado fundamental ás leis da sociedade culta e á essencia da propria natureza.

Pois um pae não ha de empregar todos os meios, mesmo os mais extraordinarios, para salvar um filho que vê perdido no meio da agua ou envolvido pelas labaredas d'um incendio?

Um filho casa-se, vae para longe, constitue vida áparte, nunca abandona por isso o seu pae e a sua mãe. Conserva-lhes sempre o seu carinho, a sua ternura, está em permanente communicação de sentimentos e de pensamentos com elles, ou viva na mesma terra, ou viva seis mil leguas distante. Mas um filho que se entrega ao jesuitismo, ao missionarismo de qualquer religião, é um filho que se afoga, é um filho que morre, com a mais dolorosa de todas as mortes para um pae porque é uma morte em vida, porque é a morte do coração. Comprehende-se que a dôr do pae, seja enorme, que o pae faça todos os esforços para a evitar. E se a catastrophe vem atravéz de tudo, a dôr enorme d'esse infeliz não merece senão respeito e commiseração da parte de todos os homens de juizo.

Ha um homem, ha um pae que a não acata, que a não respeita, que a não comprehende? Ou esse pae é um grande estupido, ou é um doido.

Digo eu um filho que morre engulido pelas aguas ou devorado pelo fogo!

E' muito peior. Muitissimo peior. Esse espectaculo é horroroso, mas dura um instante. O filho que morre a morte physica, deixa-nos o seu coração. Em volta de nós paira sempre a lembrança da sua ternura. O seu sorriso, a doçura da sua voz, o encanto da sua figura, a meiguice do seu olhar acompanha-n'os sempre. Elle morreu, mas aos nossos ouvidos soam sempre as suas palavras d'amor e aos nossos olhos apparece sempre o seu rosto de ternura e meiguice. A sua imagem ainda além tumulo nos consola. A sua lembrança ainda depois da morte nos suavisa. A sua saudade é uma dôr e um balsamo.

Mas aquella filha que anda enterrada n'aquelles trajes abominaveis d'irmã da caridade, aquella filha que está viva e que está morta, aquella filha que não nos quer vêr, aquella filha que não nos ama, que declara mesmo não nos amar, aquella filha que fóje de nós, aquella filha que nós vêmos e que não nos vê a nós, que chamâmos e que não nos escuta, que implorâmos e que nos volta as costas, que responde implacavelmente ás nossas lagrimas, aos nossos soffrimentos, ás nossas supplicas, ás nossas exhortações: *eu não tenho familia, a minha familia é Deus*, como respondia essa desgraçada ahi d'Aveiro, a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, quando seu pae a exhortava em Lisboa e quando sua mãe a chamava do leito da morte em Aveiro, oh! horror dos horrores! isso é medonho, isso é um pavor, porque não ha tortura de inquisição que se lhe eguale; isso é a maior das dôres, genuinamente, verdadeiramente a suprema dôr humana.

Meu Deus—deixae-me agora empregar este termo dos religiosos que é uma invocação como outra qualquer—poupae-nos a todos esse horroroso tormento!

Dizem que acabou a inquisição. Os liberaes batem palmas. Os romanticos entoam hosannas. Ingenuos! Patetas! Não. Protesto. Não acabou tal. Emquanto houver associações religiosas como todas essas que pullulam por ahi, a inquisição permanece. E permanece com todos os seus horrores. E permanece com a tortura que elles não inventaram nos tempos do potro e da queima: a tortura d'um homem vêr uma filha, não amortalhada n'um caixão, onde se póde debruçar beijando um cadaver com a dôr consoladora—oh, sim! relativamente consoladora e bem consoladora!—de que aquelle corpo corresponderia aos abraços e ás lagrimas se podesse vêr e ouvir, mas amortalhada em vida, passando ao longo das ruas, com uma mortalha cem vezes mais feia que a mortalha do caixão, quasi linda, esta, banhada das nossas lagrimas e enfeitada com as nossas flôres, passando automaticamente, vendo sem vêr, ouvindo sem ouvir, como um phantasma, horrorosa sepultura viva d'um ente que amámos, d'um coração que bate e que não sente.

Santo Deus! Eu sou pae e os cabellos erguem-se-me de horror e a mão treme me de medo á idéa pungente, que me accommetteu agora, de que tambem eu poderei ser victima d'essa grande desgraça!

Treme-me de medo e de indignação contra esses Anicetos de varias cathegorias que defendem na camara dos pares actos de tal ordem *em nome do direito* e que se riem cá fóra de mim, e de outros que pensam como eu, em nome do liberalismo constitucional, o verdadeiro e sensato liberalismo segundo elles.

Admittem que seja mau o sectarismo religioso. Mas não acham melhor o sectarismo anti-religioso.

Ora não ha ninguem menos intolerante do que eu. Pouco me importa que os outros adorem Deus ou o Diabo, comtanto que não commettam infamias á sombra d'um nem d'outro. Pouco me importa que a estupidez d'alguns veja o sangue e o corpo de Christo n'um pouco de vinho ordinario e n'um bocado de hostia. Pouco me importa que uma dama coberta de sêdas e rendas tufadas julgue encontrar a salvação na benção d'uma cavalgadura que arrota a alho, que não lava os pés nem limpa as unhas e que descança a tromba no collo alambasado d'uma porca que lá tem em casa. Nada d'isso me importa. Tudo isso me é indifferente. Comtanto que os Anicetos, proceres e não proceres, não fabriquem leis para manietar o meu pensamento, não me mettam na cadeia por eu dizer a verdade e affirmar a razão, não attentem contra os principios naturaes, base da moral absoluta, nem queiram impedir os outros de pensar como eu penso e sentir como eu sinto, se entenderem que eu penso e sinto bem.

Dou a todas as bestas a plena liberdade de serem bestas e não quero obrigar os estupidos a deixar de ser estupidos, por isso mesmo que nunca ninguem se lembrou de dar vida e movimento á pedra.

As bestas que fiquem besta. Mas deixem-me a mim o direito de ser o que sou.

E' só o que peço. E ninguem dirá que isto seja sectarismo ou intolerancia.

Não pratiquem infamias e deixem-nos.

Mais nada.

A. B.

O POLO NORTE

O sr. Avschetzmayofe (safa!) acaba de apresentar á Sociedade de Geographica de Vianna, um projecto de viagem em submarino ao Polo do Norte.

Na sua opinião, submergindo-se o navio a 50 metros, encontraria sempre o mar livre; para isso, aprovisionar-se hia de ar e de viveres para um trajecto de 2:500 milhas por baixo dos gelos da região polar, levando o navio uma tripulação de cinco homens apenas.

Outra viagem ao Polo se projecta tambem.

Um capitão da marinha mercante americana, que navegou durante 25 annos pelas costas do Labrador e na região polar, vae partir para o Polo Norte.

Passará o estreito de Behring, costeará a Siberia e entrará no mar glacial entre os 165° e 167° de longitude. Fará rumo para o norte, e quando o barco ficar preso entre os gelos, deixál-o-ha deslisar lentamente pelas correntes que levam os gelos para o norte.

Calcula que a sua viagem durará tres ou quatro annos. Utilisará as largas inacções da viagem realisando observações scientificas, levando para isso apparelhos perfeitissimos, como os dinamos Marconi e conta tambem utilisar a telegraphia sem fios.

Empregará o sr. Bernier um navio construido pelo modelo do *Fram*, porém mais perfeito.

Diz elle que o pouco exito de todos as expedições se deve á fraca construcção e solidez dos barcos que intentaram a viagem; e não duvida que Nansen teria chegado ao Polo, se emprehendesse uma segunda expedição.

SAUDE PUBLICA

Gostosamente dâmos publicidade ao que se segue:

Sr. redactor.—Agora, que tanto se tem dito e escipto sobre o uso illegal da medicina, acho oppurtuno appelar para o seu conceituado jornal, a fim de, por elle, V. chamar a attenção do muitissimo digno delegado de saude do districto sobre o que succede, relativamente a este assumpto, nas nossas freguezias ruraes, mesmo as mais proximas da cidade.

No cumprimento dos meus deveres proficionaes, vejo-me quotidianamente em contacto com os lavradores nossos vizinhos, almas sãs e rudes, que por isso mesmo são explorados infamemente por uma cafila de atrevidos ignorantões que emphaticamente se apellidam de *surgiões*.

Em Salgueiro encontra V. um especialista na *queima de coisas ruins*, taes como cirros, kistos, cancros, etc.!...

Em Fermelã existe um tal Mortagua, especialista em partos (!) e com uma clinica geral enorme que se estende até á freguezia de Cacia, onde vem todas as terças-feiras e sabbados dar as suas consultas! Isto succede a 7 kilometros d'Aveiro!

Na freguezia de Beduido, no vizinho concelho de Estarreja, ha tambem uma mulherzinha que *tira as coisas ruins*; mas esta não só aufere os proventos da cirurgia, mas tambem os da hospedagem que ella faz render, prolongando mais ou menos o tempo da cura.

Como V. vê, isto depõe bastante contra o nosso estado de civilisação, tanto mais que temos leis especiaes e energicas para reprimir estes abusos.

Reclamando o cumprimento das leis, não sáe V. do caminho e deveres honrosissimos da imprensa de que o seu conceituado jornal é um dos melhores ornamentos.

Confiando na hombridade com que V. tem flagelado sempre, não só os abusos locaes mas tambem os de todo o paiz, espero que V. encete uma campanha contra estes e outros factos que irei apontando, campanha que espero será apoiada pelos seus collegas sérios e dignos e que redundará em beneficio da pobre humanidade, pois a livrará d'este cancro social, que faz tantas victimas como a tuberculose—*a curandeirice*

Agradecendo o tempo que lhe roubei, confesso-me

De V. etc,

B. de A.

AVISO

Continuâmos a prevenir os nossos estimaveis assignantes de Lisboa e Porto, e outras localidades, de que já enviámos os recibos das suas assignaturas para as estações competentes para ser feita a cobrança.

Como sabem, a cobrança feita pelo correio fica-nos dispendiosa, e a devolução de qualquer recibo com a nota: «Avisado e não pagou», é para nós de grande prejuizo, porque temos de fazer nova despeza.

PUBLICAÇÕES

HISTORIA DA REVOLTA DO PORTO

O grande exito que está assignalando a publicação da *Historia da Revolta do Porto*, dos srs. João Chagas e ex-tenente Coelho, deve-se inquestionavelmente á viva curiosidade que veio causar no nosso publico o annuncio de uma obra de verdade e sinceridader que registe a chronica intima e inedita de um dos successos contemporaneos que mais alarmou e commoveu a sociedade portugueza. Mas uma outra razão provoca uma nova e mais viva curiosidade em volta d'esta obra: é uma parte artistica—illustrada e documentada, que lhe vem dar um magnifico realce, fazendo-nos conhecer pela primeira vez, o aspecto de logares, documentos e muito principalmente physionomias, ligadas á historia do movimento que descreve.

Precisamente a *Empreza Democratica de Portugal*, editora da *Historia da Revolta do Porto* envia-nos a ennumeração das gravuras da obra, cento e cincoenta approximadamente, entre as quaes as seguintes:

Alves da Veiga, José Falcão, capitão Leitão, alferes Malheiros, tenente Coelho, João Chagas, José Pereira de Sampaio (Bruno), João de Menezes, Antonio José d'Almeida, Guerra Junqueiro, dr. Paes Pinto, cabo Borges, Miguel Verdial, Santos Cardoso, cabo Salomé, sargento Abilio, sargento Galho, sargento Pinto, alferes Trindade, dr. João Novaes, Eduardo de Souza, os accusadores e defensores nos conselhos de guerra de Leixões, os fundadores da *Republica Portugueza*, coronel Calheiros, cabo Annibal, civis implicados na revolta, os quarteis sublevados, a Porta dos Banhos, a porta arrombada de infanteria 18, a rua de Santo Antonio; as virtrines das lojas da rua de Santo Antonio, guardando os vestigios da fuzilaria, major Graça, coronel Cabanellas, o tinteiro que servin para assignar a acta da proclamação, editaes do Governo Civil do Poro, curiosos *fac-similes* de Alves da Veiga, srs. capitão Leitão, Santos Cardoso, etc. reproducções de jornaes do tempo, reproducção de uma folha queimada da proclamação ao exercito, reproducção de uma licença de depositado em Africa, instantaneas a bordo dos navios de guerra, grupos de sargentos da marinha e do exercito, as cadeias do Porto, panoramas do Porto, fortalezas em Africa, etc., etc.

A séde da da *Empreza Democratica de Portugal* é em Lisboa na rua dos Douradores, 29, e a agencia no Porto—Agencia de Publicações do Norte—rua de Santa Catharina, 154.

ANNUNCIOS

ARRENDA-SE a casa de azulejo, da rua dos Mercadores. Trata-se com Antonio da Costa, na mesma rua.

(77) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

—Como quizeres, disse Ulrica, não detendo por mais tempo. Vae-te e esquece-te, na insolencia da tua superioridade, que a desgraçada que está deante de ti é a filha do amigo de teu pae. Vae-te! Se estou separada da humanidade pelos meus soffrimentos, separada d'aquelles de quem com mais razão devia esperar soccorro, não estarei separada d'elles na minha vingança! Nenhum homem me soccorrerá, mas o que eu quero fazer ha-de echoar aos ouvidos de toda a gente! Adeus! o teu desprezo quebrou o ultimo fio que ainda talvez me prendia aos meus semelhantes, —a ideia de que a minha desgraça podia excitar a compaixão dos meus compatriotas.

—Ulrica, disse Cedric, commovido por este appello, tu que teus tido animo para viveres no meio de tantos crimes e miserias, queres agora ceder ao desespero quando os teus olhos estão abertos sobre os teus crimes e o arrependimento devia ser a tua principal occupação?

—Cedric, respondeu Ulrica, tu conheces muito mal o coração humano. Para proceder como eu tenho procedido, para pensar como eu tenho pensado, era necessario um amor do prazer levado até á loucura junto com uma ardente sêde de vingança e um orgulhoso desejo de dominar, bebidas muito inebriantes para o coração humano poder supportal-as e attenuar-lhes o poder. A sua força ha muito que desappareceu... Para a velhice não ha prazeres, as rugas não teem influencia, a vingança mesmo morre em maldições impotentes. Vem então o remorso com todas as suas viboras, e ao mesmo tempo as vãs saudades do passado e o desespero do futuro! Então, quando acabam todos os outros estimulantes fortes, parecemos-nos com os demonios no inferno, que podem, sentir remorsos mas nunca arrependimento.—Mas as tuas palavras accordaram dentro em mim uma nova alma. Tu disseste bem: tudo é possivel para aquelles que desafiam a morte. Mostraste-me os meios de vingança e pódes ficar certo de que hei-de empregal-os. Até hoje ella occupou este peito devastado em companhia d'outras paixões rivaes; d'ora ávante reinará n'elle exclusivamente, e tu mesmo poderás dizer, qualquer que tenha sido a vida d'Ulrica, que a sua morte foi digna da filha do nobre Torquil. Este maldito castello está cercado por muitos homens... Vae depressa pôr-te á frente d'elles para o ataque, e quando vires uma bandeira vermelha tremular na torre do angulo oriental do castello, aperta vigorosamente com os normandos,—elles terão cá dentro bastante que fazer, e vós podereis apoderar-vos das muralhas apezar dos seus arcos e catapultas. Parte, peço-t'o, segue o teu destino e deixa-me com o meu.

Cedric queria ainda interrogal-a sobre o projecto a que ella se referira tão vagamente; mas ouviu-se a voz severa de Testa-de-Boi, que bradava:—Onde se demora o madraço d'esse frade? Pelas conchas de S. Thiago de Compostella, eu farei d'elle um martyr se elle se entretem a fomentar a traição entre a minha gente

—Que propheta verdadeiro, disse Ulrica, é uma má consciencia! Mas não tenhas receio. Vae ter com a tua gente, levanta o grito guerra saxão e deixa-os levantar o seu grito de guerra de Rollon (1), se quizerem: a vingança lhes cantará um estribilho.

(1) Chefe de piratas normandos que obrigou Carlos o Simples a ceder-lhe uma parte da Neustria, a qual tomou o nome de Normandia e de que elle foi o primeiro duque.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach illustrado DO "OCCIDENTE"

Para 1901

Este excellente almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja collecção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do «Occidente» para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bussaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataca, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobresahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do «Occidente»*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.